

FICÇÕES

Perdido no círculo

Ronaldo Brito

O Narrador é suspeito, desde logo advirto. Quase tudo será dito pelas costas do sujeitinho. Leia às avessas, a contrapelo, nas entrelinhas, aproveite os lapsos, as lacunas, equívocos e mal-entendidos. Em suma, conte com a sorte: as distrações e a legião de preconceitos do dito cujo. Também é desprezível o autor de uma autobiografia: dar-se a tal importância é signo do ridículo. Isto aqui, vejam lá, não é nada disso – são fatos voláteis, inconsequentes, eventos exigentes, passagens fortuitas que descrevem com rigor um método de vida. Meu avô paterno mexia as orelhas, habilidade de todo inconcebível. Pois é, meu avô mexia as orelhas e nos divertia. Minha amiga é um enigma. O que pensará da vida? Pensará muito, enquanto cala, cala e não fala, o que mais faria? Pensará tanto, não dá tempo pra falar. É uma hipótese. Talvez se cale a compensar tudo o que falaram as outras, e como. Ou por um ditame divino, poupe-o, poupe-o, ao mesmo tempo assim o torture. Paraíso Perdido consta dos seguintes itens: o galope fluido a cavalo, uma página lida com afinco, inteiramente lúcido, dois ou três versos de delírio puro, cristalino; um intenso silêncio súbito, estrelas e estrelas acima; as figuras perfeitas do acaso geométrico, a invocar a verdadeira vida. Esta que não existe, por isto mesmo se chama vida. Por outro lado, morte é certeza implausível. Como será não ser? O narrador põe a perder as melhores dicas. Formar frases, funesto destino. Ele só faz transcrevê-las em seu estilo insípido, despido de poesia. Uma vida não se conta, uma vida não conta. E vice-versa. Estranhamente, não sinto saudades da minha mãe,

embora tenha levado com ela a metade alegre de mim, só agora descubro. E logo a quem confesso, ao outro eu mesmo suspeito com quem me confundo. Que frase. Outro momento marcante foi a ausência de sentido da vida. Volta e meia retorna e enche tudo de um imenso vazio. O pior é a presença exorbitante do mundo. A maneira como invade nossa privacidade, nosso íntimo. Toda manhã, ao acordar. Lá está ele, impávido colosso. Bem a propósito, no caso em pauta. Não houve tempo para arrematá-lo, acabou assim meio onipotente, meio totalmente carente, ao mesmo tempo. Foi o que faltou, e ainda falta, a não ser quando sobra. E aí sobra muito. O espaço é menos possessivo, dá-se lá um jeito. O tão famoso tempo, falsa matéria-prima do narrador inosso, a rifar minhas palavras, largá-las assim sem graça, natimortas na página. Logo elas, tão vívidas, ágeis, bem-dispostas ao natural. É só convocá-las, prestas acorrem e acabam traídas, coitadas, sozinhas no coletivo. Pena. Nunca tive um cavalo, é o que mais me entristece. Ficou faltando o contato fluente com o cosmo, pelo lado de dentro e pelo lado de fora. Ainda por cima carrego uma arcaica alma moderna, sobrecarregada de nada. Nada portátil. Não reclamaria quatro ou cinco destinos pós-modernos descartáveis, que alívio. Talvez oprimissem, é muito destino, matéria trabalhosa, cansativa. Um único destino romântico virou coisa obsoleta, só em horas soltas, perdidas, o cultivo às escondidas. Meu pai, para citar um exemplo aleatório, não acabava de crer o que vinha a ser o filho. Assistia com assombro, compassivo, o florescer do alienígena. Em compensação, o resto da escola o estranhava ao infinito. Sentimento mútuo, recíproco. Quem sabe me aguardasse uma proficiente carreira no crime. Não, seria trivial, previsível, de móveis tangíveis. O romantismo sadio consiste em exercício maníaco, inofensivo, cultivar uma fatalidade gratuita. Vejam o meu velho gato, romântico empedernido. Nunca fez planos em nenhuma das sete vidas. Está falido, como era de se esperar. Nem por isto demonstra amargura e olhem que, pelas suas contas, é a última tentativa. Temos, afinal, algo em comum. Fui um dia ao campo desfrutar sua célebre paz de espírito. Angustiou-me um pouco, bastante naturalmente, volto sempre que posso. Cultuo a nostalgia desse lugar

que, com razão, erroneamente, se pretende fora do mundo: faz parte da engrenagem tanto quanto a Avenida Paulista. Teríamos que ir ao campo sem ir juntos, sozinhos, sem carregar a gente consigo. Um dia consigo. Cochila o narrador, eis aí, consigo. Frase tremendamente significativa. O mar destina-se a outro gênero gregário de misantropos. Avessos ao pensamento, penetram mais fundo no raso dilema humano. Nadei muito, adorava, sem saber que obedecia a uma fantasia ancestral. Náufrago, lutava pela vida. Expediente útil, portanto. Perdeu a graça, dei-me conta, o esforço se resumia em voltar à praia do princípio, ou pior, à borda de qualquer reles piscina. Tarefa de todo inepta. Observem, não recordo o passado, constructo falaz, mera alegoria, reescrevo por linhas tortas uma vida contrita, clara e distinta, espécie bem diversa de desvario. Basta: partamos de vez, radiantes, ao futuro. O tal que não chega nunca. E, no entanto, envelhecemos, como é que pode. Enigma banal, típico de Cronos, o Grande Frívolo. Vero enigma é o consagrado dia a dia, o mistério insolúvel do mundo em comum. Ao que tudo indica, me foi vedado o acesso às artes herméticas do humano convívio. A solidão é a companhia ideal, cortês, expansiva. Como dividir a si mesmo, por princípio hostil, irredutível a compromissos. Diante do outro intruso, recomenda o bom senso, a loucura compartilhada. Donde a sagrada família. Ocorreu-me, numa ocasião, à sombra, deslumbrar-me com a maravilha da vida. Teria eu cinco, seis anos, nunca me esqueceu aquilo, nem lembro bem o que fosse. O fenômeno. Viver é buscar consolo da vida. Meu outro avô, que não cheguei a conhecer, sempre me dizia. A transmissão familiar da sabedoria é insubstituível, daí o twitter e o espiritismo. De noite, costume, a sós, considerar – meditar sobre as estrelas, de acordo com a etimologia – agora pálidas e poluídas. As conclusões são invariavelmente desanimadoras, recorro então ao místico – uma cerveja e um gordo sanduíche. Rima rica. De uma feita, percorri inteira a parábola da madrugada com intuito regenerativo. Funcionou: já desperto, não acordei de manhã. Notemos, a título de ilustração, o desespero gramatical dos maridos. Perplexos no presente, desorientados no passado, conjugam somente o pretérito imperfeito do futuro. No condicional. Razão pela

qual, duas ou três vezes, não casei nunca. Quando saio de férias, lastimo o sofrimento perdido. Tal é nossa condição hodierna, vocábulo horrível que resume tudo. Contento-me em escarnecer do narrador consciencioso, a registrar – desastrosamente, é infalível – o que dito. Não cogito a ordem estapafúrdia dos eventos traiçoeiros que detém a essência infável do meu destino. Por exemplo: uma tarde, garoto, fui à rua, voltei outro, irreconhecível. Ninguém percebeu, talvez minha mãe, que, como todas as outras, guardou o segredo consigo. Este, com certeza, será operário do onírico, labutará ao léu, funcionário público da poesia. É uma carreira, igual a qualquer outra, um pouco mais próxima do hospício. O que dirá São Tomás? Dançarão, provocantes, as Eríneas? Os lúbricos anacoretas da política? Outra espécie de missão gravíssima, da qual todos se escangalham de rir, é a faina escolástica da Academia. Conservo-me ali à margem, irreal, irrelevante, serenamente insano. Passar a vida despercebido, um pouco à maneira de Napoleão, fazer o voto de Prometeu. Desentendam a sentença profética como preferirem, não é tarefa minha. Pego o prumo e desando a escrever o que me dá na telha do inconsciente, cabotino de quem há muito desconfio. Terá tratos com o capcioso narrador, falam outra língua. Numa excelente oportunidade, ao crepúsculo, li Baudelaire: crédulo, ingênuo, de boa índole, acreditei no que li. Deu no que deu. Argumentarão os magistrados que fiz de propósito, o gesto era por demais acintoso. O próprio Baudelaire ficou em cima do muro. É o que fazem os livros: silentes, em seu canto na estante, exercem seu insidioso feitiço. Culpar os outros é condenar-se ao ostracismo. Culpar a si mesmo é topar com um inimigo à altura, no entanto, muito superior em número. Em boa lógica bivalente. Numa biografia neoplasticista, sem perspectiva, o objetivo é prender a atenção arredia do escritor sem rumo. Fui, no inverno, à Roma, morrerei tranquilo, quites com *Hollywood*. Preciso mesmo é de um bom cavalo que me leve ao léu, lugar seguro e acessível, quase sem turistas. Em lá aportando, descanso um pouco, como teria feito Ulisses. *Doppo, ritorno* e dou palestras lucrativas, a popularizar a língua do país. Projeto circunspecto, sólido realismo onírico. Sempre ouço rumores, realidade

é sonho, sonho de sonho, daí a preponderância do animal político, malta seleta de ilusionistas. Conhecem que, no fundo, no fundo, não há fundo. Já a superfície é linha errante, hipotética, adiada ao infinito. Quem domina o assunto são os antigos sábios chineses extintos. Resta a força progressiva, generosa, incontida dos amores desiludidos. O tema é espinhoso, deixemo-lo de lado. Formidável expressão, exponencialmente vaga – lado, qual lado, de que polígono? Atenderia a quais percursos existenciais inconfessáveis? Deixemos de lado, nada de inquéritos indiscretos. Fitemos o horizonte, somos todos adultos, a menos que obtenhamos junto aos deuses misericordiosos indultos. De todo modo, desde Júpiter submetemo-nos a uma implacável ordem de ser judiciária. *Cui Bono?* Careço da cidade para sonhar com o mato e lá fruir o pensamento puro, até que apeio e sofro, ansioso, a planejar um futuro que nunca terá sido. O problema é o que fazer consigo, a mente o tempo inteiro mente, às vezes, contudo, mente de verdade. Meu tio Jaime era um virtuose no gênero. Venderia centauros a Diógenes, o Cínico, em plena *polis*, ao meio dia. No entanto, como todo mundo, morreu de verdade. Levando junto magníficas mentiras. Autêntico museu de falsas obras-primas que, forçosamente, inexistem. Acaso existisse, se desmentiria. Bravo silogismo. Basta invocar a virtuosa figura lógica e tudo se arranja no Ocidente. Outro cochilo do narrador, outra sentença digna. De resto, perdi há muito a mania bizantina de transtornar verbos e adjetivos, limito-me a desgastar a gramática psicótica convencional. Como qualquer um, não me faço entender, vivemos todos felizes, irmanados por grandiosos e mesquinhos equívocos. É o melhor regime, a gerar filhos e mal-entendidos. Nesta ordem. Confiantes no reconfortante absurdo. Sofri, entretanto, momentos de intenso lirismo. Multiplicados por mil, esboçariam quase um arremedo de projeto de vida. Por onde anda o aqui e agora, li a pergunta oportuna no taciturno vespertino. Suspendi de imediato o juízo e acedi a um nirvana aflito, altamente neurótico. Promessas, somente às avessas: no passado, farei decidido isto e aquilo; haja o que houver, no passado, cuidarei do meu futuro. O presente é sono e serpentino, entregue a fúteis desígnios. Cavilosos ardis. O

instante é diferente, coisa duradoura, há que cultivá-lo com carinho. Jardim de Monet, a essa altura, um tanto murcho. Cansados instantes são agora os nossos, dobrados sob o peso dos anos pelo excesso de sabedoria. Instantes, amáveis dionisos, fortuitos, sem autoria narrativa. Outro dia encontrei um deles, vagando, integralmente puro. Ganhei o dia. Prometeu-me, solene, retornar. Talvez houvesse aí um grão de ironia. Pelo menos não era o claustro inviolável da internet, sob o patrocínio do dadivoso Thanatos. De tudo e todos dispor ao alcance da mão desmoraliza a realidade, concorre ao niilismo. Prefiro a contemplação das esferas sublimes do chão do apartamento, o terra a terra delírio caseiro, a me instruir sobre a conduta ilibada do sólido cidadão inadaptado, que encontra no computador e na televisão dois escrupulosos espias. Desligados, mudos, denunciam às autoridades nosso descaso para com o real instituído. Crime inafiançável, punido com o unânime escárnio público. Desterro é ofício vocacional, desses que vêm do berço. Em uma outra noite, a quarta delas, conheci minha segunda identidade secreta –mensageiro pontual, de mãos vazias e itinerário arbitrário. Prosador do vácuo era o felizardo Beckett, trazia a boa nova do nada, substância de eficácia terapêutica reconhecida. Escrevo, somente apago, contágio angústia e apatia. Na métrica clássica elegíaca. Foi o que me disse Ana Luísa ao despedir-se. O episódio não deixou sequelas, me lembro dele todo dia. Existir plenamente acontece de repente, a despeito da observância dos vizinhos. Ocorre a toda hora o fenômeno raríssimo, vá entender. Só mesmo Pessoa, que concentrava no próprio nome próprio o enigma. Graças ao infatigável treino diuturno, tornei-me um desportista *blasé* do niilismo. Espírito lúdico, lúgubre, desencantado por algum alegre motivo obscuro. Tarde demais para corrigir-me, a vida foi me desencaminhando pelo caminho. Esta o narrador corta impiedoso: mau português. Eu acordava alegre, agora acordo triste, em suma. Muda tudo. A começar pela vida, e vai se agravando até o final do crepúsculo. Há pausas regulares de euforia que não enganam ninguém. Palavrinha mequetrefe, resume tudo em duas sílabas, a tal de vida, todo mundo a utiliza. Aleatoriamente, é verdade, sem saber bem o sentido. O que, aliás,

é virtude. Acordava alegre, agora acordo triste, em resumo. Uma vida onírica salubre, repito a meus filhos putativos, é impreterível. E não me refiro a heroicos pesadelos, estarrecedores, sinistros, estimulantes enfim, e sim aos pequenos sonhos mesquinhos, mal contados, dos quais saímos diminuídos. Convencionais, surrealistas. Nenhum Mondrian, nem um único Malevitch. Propícios em particular a quem mora no Rio, onde o caos grego, o original, jamais pisaria, bobo ele não é. Com o tempo, parece que é a ordem natural das coisas, sonhamos mais e mais com gente que não existe mais. A morte não guarda lugar, mete-se vida adentro, vida afora, triste topologia. Por essa, Moebius não contava. Ele, o narrador, permanece impassível, sua função é estritamente heurística: cuida dos escritos, o que vai neles não é sua província. Declama. O Ser para o homem é a vida, pontificou Aristóteles, insuperável pleonasma, até hoje dá o que falar. Vejam vocês a falta de assunto. Meu gato, que já foi heiddegeriano e hoje torce por Wittgenstein – as cores do uniforme são menos berrantes, justifica – defende uma tese radical: mal a equilibrar-se de pé, quase na vertical, perde o homem contato com a multiplicidade dos sentidos, a visão periférica, o perverso tato polimorfo. Em uma palavra, se lhe escapa entre os cascos o mundo prodigioso, torrencial. A rigor, limita-se a fitar o ar, ou seja, de novo a rigor, nada. Daí a acídia crônica, incurável, da qual trivialmente padece. A arvorar-se imponentes ares niilistas. Saem sôfregos a tudo inventar quando tudo desde sempre já aí está, profetiza o gato pré-socrático, que gastou seis vidas inteiras, bem locupletadas. Longe da terra, perdem sua pulsação, nem por isto ficam perto das nuvens. Buscam refúgio na fala ociosa e compulsiva. A perseguir a felicidade, o verbo proclama em alto e bom som o patético da empreitada, ao ver do gato, o empecilho mor para a beatitude. O que é ser feliz, conclui o filósofo. Desabilita o ponto de interrogação, outro déficit humano, falta de tirocínio. Nada existe no interrogativo, sequer um poodle...Ninguém a define com a acurácia devida, a humanidade se sente quase sempre bem infeliz, isto sim. E disto ninguém duvida, exulta. Seis vidas garantem uma aura de originalidade a qualquer lugar-comum. O que adiantaria andar de quatro,

retruco eu? Agora é tarde, consumou-se a metamorfose. Caniços pensantes, debochou o tal de Pascal, com dose considerável de otimismo. A mania doentia de pensar, assevera o felino, trava o livre envolvimento das formas contínuas e descontínuas. O pensamento não se presta, em definitivo, ao usufruto do mundo. Escrevo a me evadir em vão. Gostaria de dedicar-me a outro tema, menos leviano que o assunto batido do mundo. Detesto paradoxos, acompanhemos com simplicidade o curso dadaísta da rotina. Outra matéria, menos óbvia, que não fosse a vida. Rousseau empregava um simpático sucedâneo-herborizava - delicado ensaio de misantropia aplicada. Quando o correto seria encará-la frontalmente, a espécie, dar-lhe as merecidas costas. Com a idade, reparem bem, todo mundo lembra todo mundo. Falha a vista, é inegável, mas a variedade das fisionomias não há de ser infinita. Tendo visto tanta gente, uma lembrará a outra. Tanto atentamos ao semelhante, talvez por vingança, acabamos semelhantes. No entanto, dado alarmante, nos tornamos esquecidos. Mistério. Sempre a lembrar alguém que esquecemos em seguida. Sentença de ressonâncias machadianas, consinta o censor. Vida que segue, retrocede. Avançamos, progredimos, reaparece o passado intruso, o abelhudo, a sabotar o pretensioso futuro. O presente é um estroina, só quer saber do momento. Morre cedo, evidente, no auge da juventude. O resto é fantasia, parte importante da realidade. O remédio é viver e despachar ao diabo a vida. Ou, ao contrário, parar de vez e meditar *ad aeternum*, modo de existência outrora insigne, anda em baixa. Interagimos, participamos, agora solitários, desvalidos, consequência lógica. Cada um só pensa em si, todos juntos, contudo. Resultado, falta o real. Vira um clube, negócio fácil de fechar. Vai ver acabou o mundo na acepção estrita. Nem por isto ressurgem o saudável caos, viria bem a calhar. Quem sabe agora funciona. Se bem que funcionar, funciona, até em demasia. Não agrada, verbo de outro teor. Papo longo, amigo querido do tédio mortal. Um dos grandes prazeres, teorizar à toa, ficar à toa também não é mal, viver à toa, esfalfa. Seria a ocasião propícia de citar Sêneca, trecho lapidar de um sereno discurso a tropejar no Senado. A desdita metafísica é um regionalismo sem sentido

no mundo global. Tendo em mira a cura de nossos insubstituíveis fragmentos divinos, cacos velhos de estimação votiva, diria Cícero. E talvez o tenha mesmo dito, quem provará o contrário? Continua, leitor hipócrita, meu semelhante, meu irmão, Baudelaire pega pesado, no próximo capítulo, anterior ao que ora o narrador ou eu teríamos redigido. Sigo à risca a irregular narrativa moderna, triste sina de irrevogáveis desencontros e equívocos. E assim sucessiva, aleatoriamente.



De modo algum encerro aqui esta sóbria recapitulação despida de saudosismo; pelo contrário, avanço célere em direção ao passado que virá pelas costas. Acorram, auspiciosos ouvintes, venham já à praça ensolarada onde se reúnem contentes melancólicos de várias estirpes a trocar opiniões entusiasmadas sobre as pequenas misérias da vida. Há *raves* de todo gênero, por que não haveria uma a celebrar o mau agouro e a misantropia. Aperfeiçoemos a democracia. *Punks* não contam, missionários contritos, elaboram programas de governo bem definidos. Decepcionaram-se na puberdade, coitadinhos, queriam o melhor dos mundos. Proponho uma enérgica resistência passiva: ouçamos Thelonious, corrigindo o ritmo do mundo, dezoito horas por dia. Com parcimônia, atentos ao vento e às nuvens. Desde a infância cultivo um inseparável amigo cavalo. Costumamos dividir cogumelos mágicos, a conversar acerca do grande pasto do mundo. Foi quem me confiou: o segredo reside em ler com atenção o vento e as nuvens. Como assim, decifrei. Nesses momentos, azula a gramática, num átimo o universo se esclarece, a lógica bisonha não turva a clarividência do delírio. A certa altura, intuo o nexo equino e sua incontestável superioridade, plácido a pastar, enquanto giram as rodas belicosas do mundo. Quem sabe, Schopenhauer teria sido de fato uma besta bem-sucedida, se bem que só em teoria. Fiz-lhe um rápido resumo de sua doutrina, ao que Sertão replicou, por que então o pessimismo? É cavalo sensato, chegado à boemia, mas de boa andadura. O seu herói não é Pégaso, a quem acusa

de mau gosto exibicionista, e sim o cavalo anônimo de qualquer faroeste, a roubar a cena de John Wayne. No fundamental, em essência, marcha correto o universo, na síncope de seu galope ora brando, ora desabrido. Concordo, Sertão, desde que o mundo é mundo, é mundo. Como mundá-lo? Outra que o censor depressa suprime, constrangido, quem você pensa que é, Guimarães, Joyce, não amole, atenha-se aos dados elementares de sua rala biografia. Mas não os há, retruco, não os há, tudo já vem confundido pela erosão do uso. O pateta sequer dormitou sobre as *Investigações*, ao contrário do meu gato que não faz outra coisa. O homem era um felino, exclama, com ele não sobrava passarinho. Desde criança me intrigam as criaturas, voando à toa e construindo ninhos, ao ver do povo, sabendo perfeitamente o motivo. Bem, pelo menos me absteve de mencionar cachorros cretinos, creio que isto encerra a inesperada digressão zoológica. Algum filósofo engraçadinho declarou, com toda razão, que o homem é o mais perfeito dos animais domésticos. Numa tarde de outono, encontrei por acaso o meu outro, meu duplo. De cara, era de se prever, nos estranhamos muitíssimo. Fizemos planos divergentes no intuito de ampliar nossa latitude: vá cada qual para um lado do bairro, pelo menos, da rua. Somaríamos assim dois esquizos, o que daria, portanto, menos um, a mais, aproximativamente. Altas aritméticas. A única ciência exata é o pretenso *spleen* dos poetas a nos fiarmos na estimativa da mídia especializada em tudo. O narrador foi taxativo: isto aqui não é nenhuma *Recherche* esnobe, recheada de *madeleines* alucinógenas. Até onde consiga enxergar, não perdi tempo algum, como iria eu procurá-lo? Onde? Quando? Probo, inflexível, homem de minha época, fiel a um traçoeiro Universo Relativo, relato o passado conforme vai me ditando a amnésia dos dias. Quem domaria o curso selvagem do tempo, a sombra irrecuperável das tardes macias, a luz amena do crepúsculo que nos convoca aos rituais inúteis da poesia? Ninguém senão os deuses vaidosos das existências fluidas que não se deixam medir pela lei da escrita. O censor tem desses rompantes à *la César*, desculpem-me. Voltemos ao que interessa, à menor partícula de nêutron cabível. Lá pelos nove anos, talvez dez, completei minha

educação sentimental; aos doze, rematei com louvor minha *Bildung*. Prematuramente, portanto, desnorteci-me em definitivo. Daí em diante, remoço a cansados olhos vistos. Vejo-me assim míope, destemido, a enfrentar o ocaso do passado. Do presente, seria temerário afirmá-lo; quanto ao ocaso do futuro, nem cogito. Uma coisa de cada vez, pondera o arguto senso comum. Não canso de enaltecer sua sabedoria dionisíaca. Pessoalmente, prefiro Apolo: é mais apolíneo. Há aqueles que encontram Cristo, que não era lá muito cristão, mesmo porque era judeu, também a contragosto. A bíblia consagrou, em minha modesta opinião, a boataria. Disse-não-disse interminável, mixórdia de profecias perversas e inverossímeis. Eis o livro em que devemos todos acreditar piamente. Faz sentido. Oremos, é o jeito. Tenho por hábito, de quando em quando, ingressar em estágio clínico de delírio. A preceito, notem bem, seguindo os manuais canonizados do gênero. Do Saara, no centro do Rio, translado-me com desenvoltura a seu símile, a empreender a travessia escaldante e instrutiva. Padeço dias à fio a tão decantada sede do deserto, enlevado, diviso miragens sensacionais, produtivas, miragens de fato reais, inequívocas, ao contrário da realidade tendenciosa, que não passa de fantasia arbitrária ao sabor do gosto vulgar de todo mundo. E que, fatalmente, engana, ilude. De natureza coloquial, nem por isso desprezível, são minhas periódicas incursões à *Saint-Germain* existencialista dos idos de 50. A tomar *pernods* consecutivos, em terraços aprazíveis, cogitando o suicídio. O que me transforma, de súbito, em um sarado pós-suicida, como o provam, de modo insofismável, estas mesmas linhas. Daquele venerando *boulevard*, sob o influxo de sua angústia erudita, que histórica perspectiva! A sensação de missão cumprida. Podemos todos nos despreocupar, sobressaltados, acerca do curso do mundo. Já àquela época, com enorme lucidez, eu antecipara, tudo caminharia espontaneamente do péssimo ao horrível. Tanto que me suicidei, conforme pregava a doutrina. Não é, do ponto de vista prático, um mau delírio. Se bem ministrado, até rentável. Sob uma ótica póstuma, necessariamente ascética, é econômica a vida, mínimo o consumo. Também aprecio delírios miúdos, rapsódias irresistíveis que

duram de cinco a dez minutos. O exercício ascético de Cavaleiro Errante, por exemplo, no engarrafamento dentro do túnel. Costumo apelar ao budismo, e até ao hinduísmo, em situações desesperadoras à frente da temível televisão e sua excêntrica visão de mundo. Sim, sim, está ao nosso alcance, em fração de segundos, encarnarmos dalai-lamas de improviso. Sorriso sábio nos lábios, gaia ciência inconsequente, a salvar do enxurro os últimos cinco neurônios restantes. De uma a outra lua, por higiene mental, três vezes ao dia, delíre, delíre, receitou-me o Médico e o Monstro. De maneira sóbria, nada de histrionismos. O narrador, inclusive, é de opinião que a um tipo como o meu, bem, o que melhor lhe conviria seria entrar de vez na pele de outro conviva. O cavalo e o gato concordam que a proposta é frívola, nada acrescentaria: tanto faz um como o outro. O meu duplo discorda, mas só porque é sua função precípua. Dissente também, com veemência, do narrador. Quedamos, o leitor e eu, sem compreender patavinas. Ora, compreender por quê, qual o motivo, emenda o revisor tihoso, mania de perseguição racionalista! É por si só evidente que uma humana biografia não haveria de guardar sentido, mesmo sob a égide do delírio. Formula egrégia petição de princípio, círculo vicioso que todo e qualquer Sócrates perceberia. O ideal, desde Sileno, é domínio público: não nascer. Agora nascer e, ainda por cima, escrever uma autobiografia, francamente, é o fim. Em absoluto, defendo-me, há também o meio e o início, como o observador imparcial pode constatar. Diligente, relato passo a passo minha alta formação de idiota esclarecido, quiçá, um mau exemplo para a juventude. O saudoso tio Jaime obraria em outro estilo: à força de persuasivas mentiras procuraria desviá-la do caminho justo, sensaboria capaz de entorpecer as imaginações mais ilustres. Mintam crianças, mintam e desfrutem a graça da vida, a verdade é por demais cacete, tediosa ao infinito. Mintam e mintam maldosamente se possível, armem intrigas, cabalas, tudo enfim que ponha em risco o descabro da figura quadrada da sociedade. Era ótima pessoa, coerente, personificava sua doutrina – nunca foi pego a espalhar verdades de espécie alguma. Em datas festivas, no intuito de ludibriar e confundir, contava uma verdade

inverossímil que, ato contínuo, passava por mentira e descabelava a família. Chamava-nos a um canto, com generosa solicitude, explicava os procedimentos operacionais de rotina. A regra de ouro era conhecer a versão da verdade, na íntegra, só então desmoralizá-la mediante uma bem aplicada mentira. É infalível, meninos! Infelizmente, por temperamento, jamais me adaptei aos rigores de uma disciplina que não consente atalhos ou subterfúgios. O Cavallo nasce imune a tais dualismos risíveis, Sertão garantiu-me. Nosso livro de cabeceira é Folhas de Relva, mais panteísta, impossível. Achei pobre a metáfora, com subtom alimentício, calei-me, contudo, um tombo no momento traria eventuais complicações bíblicas. Da última vez que caí, há um decênio, o fiz dos cumes alpinos de minha alegria matutina. De lá pra cá, ao *more* estoico, repasso humilde os acontecimentos diários à noite, embora não encontre interesse em semelhante escrutínio – ao contrário do que reza a doutrina, tudo podia perfeitamente não ter ocorrido, a começar por mim. Acresce que moro no Rio de Janeiro, onde a causalidade é malvista: interfere com o bom andamento do acaso. A maresia teria sido, aventam os iniciados, a origem do cisma: é incompatível com os axiomas da geometria. Ou o inverso. Daí porque escreva eu a ermo, que não pertence a nenhum município por questão gramatical de princípio. Recanto remoto, de fronteiras vagas e incertas e precipícios invisíveis. Dez léguas dista, cinco minutos a pé, duas horas a cavalo: gosto de cavalgar. Sou o autor, metam-se vocês com suas respectivas biografias, meu método errático é cá comigo. Cacófato medonho, de pronto rasurado do manuscrito. Pouco importa desde que passe a mensagem clara a uma humanidade, principalmente, enxerida. Deste pecado ninguém há de me acusar, desde os quatro anos tracei ao redor um limite nítido de cem centímetros cúbicos. Que, aliás, carrego comigo onde quer que vá ou deixe de ir. Assim nunca me extravio junto a terceiros, ou mesmo, segundos. Já o meu duplo é homem do mundo que, por sua vez, nem liga. Talvez não seja mundo do homem, desconheço os detalhes. Saio às vezes a me divertir no lugar do duplo, a quem abandono em casa debruçado, soturno, sobre um livro. Ao retornar, ele se mandou, despreza

protocolos de despedida. O convívio é truncado, sem maiores luzes. De seu compreensível ponto de vista, sendo eu o duplo, ele é que me enxotara, deixe-me em paz a ler, suma. Desde quando trocamos missivas, meu caro Rotariano vetusto? Sua tese sumária é de que sou uma relíquia. A minha é de que não fica bem falar mal de si mesmo em público. Sobrevivemos cada um na sua, fingindo de desentendidos. Na verdade, mal nos conhecemos, ele ou eu surgimos alguns parágrafos acima. O narrador investe com ímpeto: assim é inviável, a reportagem vai se enrolando, a cada página mais tortuosa, abstrusa e críptica. Ainda ontem interceptei um lacônico e-mail do operoso escriba à esposa – *Estou perdidinho, bs*. Ao ver do duplo, em seu palavreado chulo, o cara é beleza, mas careta, todo arrumadinho. E eu com isto? Uma vez que decidi partir – o gesto foi daqueles inspirados, visionários, irreprimíveis – nada me impede de ficar em casa a descansar de mim e do mundo. Mente resoluto, pragmática, jamais hesito em tomar decisões urgentes que possa postergar com otimismo ao infinito. Abro ao acaso o mapa e localizo, por exemplo, *Sossego*, metrópole diminuta nos confins do Judas, entre a Madison e a Quinta Avenida. Há, por sorte, um clube de *jazz* na esquina. *Sossego* não vai escapular, até pelo imperativo do patronímico; breve, com a devida calma, início os preparativos. Enquanto isso. Em dois ou três momentos convenientes, atravessei a *urbe* noturna sob uma deliciosa garoa a tirar conclusões definitivas sobre o curso ulterior do destino. Basicamente, nada concluí, concorde a lógica do assunto. Ressalte-se, saí do incidente incólume, fortalecido, úmido até a medula. Previdentes, nem cavalo nem gato acompanharam-me na aventura que reputam tola, diversionista, com uma pitada de loucura. O duplo me seguiu fielmente ao longo de oito quadras e desgarrou satisfeito em direção a um inferninho. O narrador apreciou, afinal, algo de pitoresco, chega de circunlóquios mórbidos. A chuva, repito, é variegada e educativa; o sol, uma mesmice. Daí sua repercussão junto ao consumidor médio. Por mim, ele se restringiria ao solstício, a palavra me agrada, é bonita. De emprego judicioso, não me lembro de tê-la empenhado, por exemplo, a respeito da vida. Descortina uma cosmologia primitiva, quando as

aparências resplandeciam, brilhavam sem culpa. O *solstício*, apurando o ouvido, não se pode falar em eufonia. O narrador condoído me considera uma alma singela que saiu torta por questão de milímetros. Corria tudo às mil maravilhas até a véspera natalícia, aí interveio a fatídica *mala fortuna*. O gato aposta que foi o Cão, o cavalo bota a culpa em Descartes e seu fraco pelo raciocínio analítico. O duplo, sucinto, me acha prescindível. Recorro de imediato à célebre *skepsis*, suspendo o juízo – *je suis comme je suis*, pernóstico rumino. A vaia foi ouvida até nas coxias. Mas hei de me redimir junto ao leitor de boa fé que sabe muito bem que, numa autobiografia atemporal, o importante é o que se agita em surdina sob a escrita. Ofenderia eu finas sensibilidades literárias com a descrição enfadonha de cenas verídicas? O papel inédito que lhes reservo, senhoras, senhores, é o de Adivinho: outrossim, ficassem a espionar o apartamento dos vizinhos. Cerimonioso, polido, o narrador aprova a ementa; pelas costas, ironiza o que denomina meu *sub-hermetismo*. Por inveja, pressinto.



Façamos, nesta bela encruzilhada, breve síntese retrospectiva. Constatemos, idôneos, que o caráter singular da personagem veio a revelar-se, *in totum*, graças a episódios que me recusei a narrar sob hipótese alguma. A viagem a um grotesco mosteiro, em Minas, obcecado por uma namorada mística que necessitava e carecia, segundo seus insistentes e quase inaudíveis murmúrios, *se descobrir*. Ao termo de meses e meses de abstinência e jejum, obtive a recompensa merecida. Sumiu: especula-se que não teria gostado nadinha do que viu. Nesse ínterim, eu voltara apressado a Paris, onde nunca pusera os pés, emigrado ávido de cultura – faltava o pecúlio de família que me permitisse desfrutar os proverbiais infortúnios do exílio político. Exatamente lá, naquela mítica Arcádia algo enxovalhada, onde reinavam minha ausência e a do meu duplo, decidira a sorte madrasta encaminhar-me à prestigiosa carreira de Inútil Escriba Público, sem o saber ou a intuí-lo por meios escusos, confirmando os vaticínios daquele avô desvelado que, porventura,

jamais conheci. Vinte e poucos anos transcorreram até alcançarmos esse acme existencial do qual ignoro o percurso labiríntico. Viria eu a descrevê-lo em minúcias? O contrassenso salta à vista. Se bem que não esteja lá muito seguro quanto aos participios verbais em litígio nas linhas acima. Cure o revisor desse quesito, se for capaz, do que duvido. Repassasse palmo a palmo o enredo estéril, desenxabido, que papel faria eu aos olhos perspicazes de leitores calejados na alta poesia especulativa de fulano ou sicrano, quem sabe, do próprio Virgílio? Acaso fomentaria o robusto entendimento dessas páginas que, pela estrita profissão de fé pietista, coíbem invençônicas ou caprichos? Omiti, confesso, voto de puro altruísmo e, sobretudo, meritório discernimento estético; o mesmo, *ipsis literis*, que me forçou a pular o venturoso regresso a cavalo de Minas. Oito dias ensandecidos de meditação ininterrupta no lombo de um matungo, passarinho contumaz, histérico à passagem das menores nuvenzinhas. E eu a remoer, gravemente, nada menos que o futuro. Àquela altura, Clarinha, a Obscura, já constava entre as pálidas lembranças destinadas ao popular olvido, em rodas de elite famoso, sob o título de *recalque*, e passível de severa punição psicanalítica. Altivo, não parei aí: escusei-me, convicto, a narrar meu tórrido romance frustrado com a noiva do duplo, criatura insinuante, perfidiosa ao estilo de Lady MacBeth, de quem copiava os trejeitos e o cabelo. Peremptório, não o fiz, não o faço, saem vocês sobejamente ganhando senão por um ou outro detalhe sórdido de natureza libidinosa. A quem interessar possa. Era engenhosa a trama, em particular, a moral dúbia da história. Tampouco subscrevo as idiossincrasias do duplo, que venera fofocas e rumores efusivos. Às custas de nós ambos, sorri o parvo, é mais divertido. Vibraria ele, sem reбуços, ao ver estampado, numa dessas inomináveis revistas de variedades que aviltam a dignidade da espécie, o telegrama à antiga que sepultou nosso entrevero lírico: *Finito*. Quando queria, a calculista MacBeth dispensava ardilosas tramoiias políticas: ia direto ao ponto, precisa. O mesmo não ousou afirmar, compungido, de minhas mirabolantes habilidades linguísticas, inclinadas à caridosa maledicência e ao humanismo ferino. Não fora o censor e sua notável presença de espírito, estaria eu aqui a esmiuçar, todo

prosa, as lendárias escapadelas de tia Catarina, a ultrapoderosa matriarca ninfômana da família. Sequer esconderia a lista de destratos, humilhações e agruras a que venho me submetendo nas mãos cruéis, inclementes, da poesia. Encareceu-me em tom ameno, com doçura, o velho cavalo amigo: por favor, poupe-nos, é uma chatice.

∞

Numa psicobiografia contemporânea, isenta de misticismo, a prioridade caberá naturalmente a fatos positivos, à conduta verificável da pessoa na calçada ou em domicílio. O jeito como se vira em meio a suas vicissitudes geopolíticas. O presente sempre foi e será assunto exclusivo do vulgo; o futuro, aos deuses pertence, diga-se em favor deles, há séculos e séculos enfatiados da sinecura – não acontece nada de novo, estrilam. Perdoem-me a hipérbole: o passado é tudo de bom – eclético, ecumênico, dúctil, presta-se cordato a fabulações ultrajantes, edificantes, não reclama nunca. Com inteira justiça, constrói soberano a grandiosa Farsa Universal: impérios de fausto, míseros impropérios, imperadores taradinhos e cidadãos menos que comezinhos, putos da vida perante as normas austeras do senso comum, que não hesita em alterar ao bel prazer sua agenda leviana e ilegível. Amável passado, louvável, todo enfeitado de mentiras deslavadas, fruto dos humores biliosos de escribas venais, ávidos investidores no mercado futuro do espírito. O narrador é homem de fé, conserva a crença inabalável na origem divina da burocracia: és um blásfemo, berra. O que de nós sobraria, eis a bastarda verdade impoluta, à falta das fábulas lunáticas que tecemos e entreteemos e nos guiam pela árdua jornada ao redor do planeta mixuruca, num sistema solar politicamente incorreto, sob a acusação unânime de heliocentrismo. Morderão as más línguas – isto é, todas as que se pronunciam e algumas outras ignotas até aqui – que exagero, extrapolo minhas plebeias origens. Nego. Componho este memorial muito, muito relativo em condições adversas, acuado por companheiros acerbos. Meu duplo turista o qualifica de mero *shrip* (sic?), enquanto aperta

o baseado de costume: sou obrigado, portanto, a trabalhar dobrado. O gato Witts aproveita a desforrar-se da História, composto fictício de credences pós-fabricadas. O cavalo boceja, quando muito, relincha. O narrador é sincero: precisa da grana. É pai de cinco filhas, sexualmente problemáticas, cada qual com síndrome diferente, só uma delas lucrativa. O pior é que, a sós, me desavenho comigo, perco as estribeiras, rancoroso, passo semanas sem falar sozinho. Há que telefonar ao duplo, conciliador nato, menos por talento que por preguiça. Ah, conspiro em silêncio a *vendetta*, na acepção siciliana escorreita: minhas fábulas inovadoras, contributos substanciais à literatura milenar de autoajuda, não as transmitirei jamais, nunca, nem a pau. Primeiro, seria entregar o ouro ao bandido, fornecer de graça o mapa da mina, torná-la quase suportável, a vida adorável. Depois, há a iminente pendência judicial com o tempestuoso Cronos. Trâmites atrozes, terríveis, me aguardam à descoberta pelos coreutas de que trapaceio e furto: em vez de acompanhá-lo em sua surrada e monótona saga, divago, divago, me lixo para sua autoridade olímpica. *Terço*, tópico conclusivo, por conta das futuras ex-mulheres, em conluio escancarado com os críticos – quem ousará calá-las quando estourar o bochicho? A melhor viagem foi, de longe, à pacata Istambul, no âmago da tumultuada Suíça. A conjunção de contrários é profícua no que respeita a produção de fluidos vitais. O surto dura segundos, não se dorme a bordo, contudo sonha-se na plenitude. Ali desempenhei o papel solene de pró-cônsul no país dos Yahoo, graças ao prestígio literário do cavalo Sertão e suas memoráveis Veredas. Na região se escreve a quatro patas, entre outras benesses, multiplica os Royalties e os programas de entrevista. Há também pequeninas fábulas que promovem conquistas eróticas. Variam desde apetitosas passantes – descendentes diretas, por linha materna, daquelaszinha cantada por Baudelaire – até estrelas de cinema e modelos com impressionante índice de celebridade acéfala. Ou o inverso. Não vos enganai: sou homem capaz de materializar em sonho, espremido num abarrotado coletivo, uma bucólica vida no campo pelo resto dos dias. Extasiado, na expectativa do aborrecimento letal que me aguarda ao crepúsculo e das magníficas auroras que, sem sombra de dúvida, hei de aturar. Depois do almoço, prescreve

o pergaminho, empreendo uma sesta produtiva: fantasio projetos de grande envergadura, envolvendo metas e programas comuns, com vistas ao que se convencionou chamar, desde o gajo Montesquieu, o Progresso da Humanidade. Dorminhoco inveterado, para contrabalançar, Witts sonha um programa que agrupará todos os felinos em torno da ideia de mútua e absoluta indiferença universal. Inspirado em seu pirado mestre Wittgenstein, *ça va sans dire*, o objetivo é interromper o processo nefasto, em pleno curso, de *Caninização* dos bichanos, descaracterizados pelo contato degradante com criancinhas, a vegetar em casinhas, cercados por um sem número de diminutivos. A *Caninização*, impreca o gato com asco, que atribui a culpa ao Vaticano e suas trapalhadas maquiavélicas. Basta de devaneios irresponsáveis, o exercício da memória é matéria séria, advertia o avô bondoso, a nos inculcar as lições indispensáveis ao cumprimento virtuoso do currículo da vida. Cedo ou tarde, podem contar, meninos, ela arranja um meio de foder de vez com suas esperanças tenras ou maduras. E ria, bonachão. Sujeito terno, circunspecto, dado a estranhas temperanças. Aqui entre nós, na surdina, era um católico diabólico, em ambos os sentidos. Arguidores melífluos, filiados ao Partido, que ora abundam na Ágora, me acusam de disseminar uma crise de identidade de conseqüências sociais incalculáveis – seus caracteres carecem de ínfima consistência, misturam disparatados hábitos, qualidades e atributos, enfim, qualquer um podia ser qualquer um. Perplexo, indago: não radica aí a essência da democracia? Voltam à carga os brutos: contradições, discrepâncias e antíteses deformam seus perfis a ponto de torná-los – a eles, caracteres, bem entendido – irreconhecíveis. Politicamente imprestáveis, fuzilam. Sintam vocês, na pele, o verbo.

∞

Contra tudo e todos, todavia, prossigo e prossigo até o fim, embora não faça a menor ideia de onde fique. Ninguém nessas paragens parece preocupado com isso. Livinha, dita a Doidinha, que lhes apresentei acima, hoje funcionária pública às vésperas da aposentadoria

e reconominada a Comedida, expressa um conceito abrasivo: *é patético, o textonão sabe sequer pra onde ir*. Minha réplica estala na ponta da língua: todo e qualquer texto termina na página escrita. O resto é farisaísmo de ninfas em vias de declínio. Respeito a opinião alheia desde que não me chegue aos ouvidos. O narrador referenda o aforismo, mas alerta que é plágio de Nietzsche. Nove, dez mil vezes descompôs-me, com o apoio irrestrito do cavalo Sertão: basta de aliteraões e rimas compulsórias, oriundas de um arcaico automatismo psíquico de baixa extração surrealista. Isto é sólida prosa ou frustrante poesia? Reúno-me incontinentemente ao cavalo na pradaria para extensos conciliábulos literários. Esta rixa em torno de aliteraões e rimas é fato comprovado? Nem tanto, nem tanto, matreiro troca de mãos ao assunto o matungo. Quando menos espero, desfecha o coice sutil. Insisto, garoto, há que ouvir a música do vento; em matéria de consistência, imite as três formas canônicas de nuvens: cirrus, stratus e cumulus. Deixe de lado o supérfluo, paste em claro, durma no escuro. Em suma, minha é a culpa e só minha, conquanto seja este ensaio experimental de metabiografia um produto híbrido, transgenérico, posto que dele participam um cavalo e um gato. E ainda uma namorada intrusa que, enquanto durmo, corrige concordâncias e acrescenta trechos à minha revelia, aliás, aqueles melhores escritos. Trata-se, enfim, de uma cooperativa, a evocar a época gloriosa do socialismo utópico nos vários condados onde logrou implantar um regime de renovado conformismo. Detratoras e detratores, vigilantes, rebatem em cima: cooperativa utópica uma ova, franco-maçonaria. Por ordem de entrada, figuram o narrador, o censor e o revisor proativos, a interagir criativamente, isto quando não brigam. Ao longe, ouço a plateia subreptícia, clandestina, a uivar *paranoico* baixinho. Reacionária, reza pela cartilha do narcisismo burguês simplório - o Eu será idêntico a si mesmo, reizinho, intacta personalidade destacada do cenário maluco, no mínimo, do mundo. Enquanto me mato para retratar, fidedignas, as múltiplas facetas controversas de minha personagem íntegra, dois passos à frente, três atrás de seu tempo. Do contra, o duplo caminha de través, como é de seu feitio. O gato e o cavalo constituem fatores autônomos,

intrínsecos. É verdade que talvez eu dissesse o mesmo de minha prima Regina, rebelde, semi-incestuosa comigo, se se dignasse a dar as caras por aqui. A volúvel Divinha, outrora desenfreada, aos cinquenta e poucos fã ardorosa de Aristóteles, desdenha cortante e ríspida: *não admira, nesta zona todo o mundo é bem-vindo*. Mente atilada, lábil, perita em avaliar minutas quiméricas e documentos ilícitos, Divinha ou Livinha – jovem, gozava à farta graças à ambiguidade nominal deliberada – acabou traída pelo excesso de zelo hermenêutico. Cândida, desapercebeu a ironia: ao intervir com tal ênfase, enfiou-se de moto próprio na orgia literária que, sobremaneira, a irrita e conduz às raias da indignação cívica. Calasse, estaria a salvo, fora de perigo. Repudio o epíteto – orgia – aqui presente de forma pejorativa. Jamais cometeria a indelicadeza de lembrá-la que antigamente, em outro contexto, este sim pertinente à etimologia, o termo lhe soava bastante atraente. Ao que dizem. De resto, relaxe Livinha, o censor pode muito bem aliviá-la de suas aflições, afeito que é a cortar falas exaltadas em nome do bom-tom. Que querem, a figuração é antiquada, só o que faltava era um censor transgressivo, no auge da moda. O revisor é farinha de outro saco, vinho de outra pipa: espaçoso, sofista, para ele, viver é se intrometer. Divinha, com quem sabidamente confraternizava, se não confraterniza ainda, que se cuide. Alheio ao texto, que só me granjeia desafetos e antipatias, inspeciono províncias idílicas com vistas a meu iminente recolhimento do mundo em comum, soma imponderável de súcias antagônicas, repleto de egoístas irredimíveis. Reparem, não é esta, em absoluto, a opinião do autor. Ao final da frase, algum forasteiro lhe conferiu um caráter sombrio, ressentido, de todo inadmissível. Discordo, discordo e assim contradigo minhas clementes expectativas: confirmo, involuntariamente, que o mundo é lugar da discórdia. Não é mole a lógica, tem lógica própria, conluo. Por essas e outras, me retiro a ler e ouvir música, afastado de minha companhia. Certa matemática amicíssima, no entanto, assegura: tresandou a lógica, sim e não foram banidos, caíram em desuso. Reina o mais ou menos, ingênuo, pergunto. Ora, seria iníquo, pueril, esqueça, nadamos em profundas águas turvas. Não preside a lógica mais o mundo?

Onde saiu a notícia? Nesse caso, meu duplo seria um pioneiro, precursor indiscutível, nunca deu a menor bola à lógica, a razão sempre lhe pareceu uma *coqueterie* remanescente dos anos 20. Leitor voraz dos quadrinhos, mulherengo conspícuo, sofre apenas pelo Vasco e pelo eventual desfecho infeliz dos filmecos e novelas que, religiosamente, assiste. Amiúde, porém, tranca-se na biblioteca a estudar Platão a fundo, no intuito óbvio de me aturdir: quem serei esse outro Eu? A questão é retórica, ecoam juntos o gato e o cavalo, que abominam o modo interrogativo. Denunciam a humanidade por depreciar a supremacia do presente do indicativo, da alfafa e da sardinha, respectivamente. Vil materialismo, se insurge o censor, para quem Catão era um devasso impenitente e sem escrúpulos. O narrador mostra-se agente moderado, há espaço para todos, as ideias divergentes se equivalem, concorrem em harmonia ao Bem do universo. A recém-chegada estagiária de matemática faz um cálculo rápido: esse cara é cri-cri, o beabá da álgebra. Com tal equipe, nem a Leibniz desmentimos! Em circunstâncias contemporâneas, impõe-se o *approach* quântico. Do contrário, cantem os parabéns, assoprem as velinhas, ponham-se a recordar uma a uma as famigeradas primaverinhas. Os homens são todos iguais, românticos na primeira noite, a sussurrar *fractais e conjuntos vazios*, logo recaem no rame-rame do cotidiano newtoniano. Pago o pato, como sempre, pelo camaleonismo do duplo, em matéria de mulheres, capaz de infâmias inauditas. Retrocedamos, intempestivos, àquele instante da minha biografia quando descobri a tardia vocação de estadista. Num sábado à tarde, sob a módica influência de um ácido. Li muito Borges, conheço o ofício. Quase quinze minutos durou a empreitada exaustiva de consertar, no geral, o mundo. A encomenda era maçante, repetitiva. Enfiei a cara nos livros a buscar o que sempre busco – a solução poética da vida. A mesmíssima que descubro e perco de novo todo dia. É frustrante, tem lá seus momentos, como tudo na vida. A solução não virá, por milagre, graças a autobiografias postiças, o narrador avisa. Desde o princípio eu lhes suplico, olho no sujeitinho. Muito à vontade, trotando, Sertão comenta airoso: é o que dá misturar um romântico doentio e um realista sadio,

ou um sadio romântico e um doentio realista, pouco importa - a ordem dos fatores não altera o produto. Depois desta, derrotada, a jeitosa matemática que, fora do laboratório atende por Dulcinha, despencou-se pra China ou pra Minas. A baixa foi sentida, em especial pelo duplo, incapaz de sublimação ou renúncia: sou fascinado por números, ruge. Em plano superior, o gato Witts polemiza – neófito, Dulce segue presa ao platonismo ortodoxo de *Oxford* ou *Cambridge*, atrelada a Bertrand Russel. Deslumbrada pela Verdade, achava-se deslocada na companhia. O que deprender de semelhante assertiva? Grassam entre nós somente eméritos mentirosos? E o leitor, como, quando, onde fica? Declaradamente, este é um tratado de autobiografia no gênero tão apreciado da autoajuda. Um tantinho difuso, alucinado, admito. Mesmo assim. A sua intenção não será, por certo, atormentar e desiludir, induzir à mendacidade e ao fratricídio. Firmo meus protestos junto ao intendente do censor, numa saleta estreita, nos fundos do quartel, consoante a hierarquia. Sabe Deus quando, em meio ao papelório, virá a tomar ciência a personagem atarefada do censor, sempre a pretextar o senso do dever kantiano. O que não o impede, segundo as más línguas, de novo elas, de cumprir missão tergiversa com Livinha, ultimamente coligindo dados arcanos no afã de reescrever a História Subversiva da Ditadura. E com isso conspirar a memória do pai e dois ou três tios. Sagrada é a República, doa a quem doer, não transijo. Em determinadas áreas, revela-se uma purista. E eu a suportar a catilinária da *unidade de estilo*! Admoestado sem clemência por causa do *Deus ex-Machina!* Vilipendiado por uma plateia néscia, acrescida de irados representantes revanchistas do Partido. Nenhum deles, em *nosso* entender, destros em autocritica. E grifo o *nosso* com muito orgulho, pela primeira vez entramos em consenso, gato, censor, narrador, cavalo e revisor, eu mesmo e o intermitente duplo. Nem menciono colaboradores arrivistas, a namorada intruja, a matemática de vanguarda, uma ou outra subpersona mascarada que não passou pelo crivo. Em franca reação aos onipresentes estraga-prazeres, a clamar por uma biografia nos moldes, nos trinques, acanhada, adstrita à sala de visitas, nos rebelamos todos em favor da escrita livre, fronteiraça

ao generoso delírio, uma das derradeiras conquistas sobreviventes do Iluminismo. Porque nos escravizar à tabela de Lombroso, aos traços atávicos da personalidade? Senhoras, senhores, não cabe à literatura julgar o propósito da vida, tolo acidente implausível ou enteléquia metafísica segundo ideologias concorrentes e igualmente frívolas. Tampouco caberia, convenhamos, deslindar o propósito logo da minha, sob o sério risco de expô-la ao ridículo. Peço vênia: embora seja eu o autor, a ideia não foi minha. O projeto teria sido encaminhado pelo Super-Ego, em parceria com o Id, arrojada *joint-venture*, instâncias que, por tradição, fogem ao controle da consciência. Ao leitor esperto, astuto, ficou patente o esforço de minha pena – que digo eu, o sacrifício – na lida com uma vida recalitrante que sob vários ângulos me é estrangeira, com frequência, abertamente molesta. Só um imbecil se reconcilia com a própria vida, em aparte desapaixonado, sentencia o concílio. O que, nas entrelinhas, transpira: você é vulgar, você é comum. Nada há de errado com a mediocridade, consolou-me Sertão, resigne-se. No mundo pop, é o que há de chique. Num desses ditirambos herméticos, nos quais prodigaliza, o gato Witts enuncia: a média é, por definição, comparativa. Padece de filosofia enfermiça, espaiреças durante três semanas, bebendo leite, recluso na montanha. Em desespero de causa, vou tomar chope na calçada com o duplo a me inteirar sobre as recentes calamidades e os últimos absurdos que, pelo visto, estimulam a turba a redobrar o barulho. A algarra e a balbúrdia talvez não incomodem os astros e a lua, conjecturo. Alá sabe o que faz. Nesse recinto aconchegante, convidativo à reflexão, resmungo – chique é torpe, chinfrim: sou o honesto relator de uma existência decente que cumpre sua missão para consigo e para com seus concidadãos. A missão, esta sim, é inglória, talvez pífia. Mereço o pronto esquecimento, nunca o opróbrio e o martírio. Se o concílio assim o desejar, de bom grado, tornar-me-ei invisível. O exato oposto do chique, deduzo. Creio exposto, com clareza, o dilema: quem teria rabiscado tais linhas eloquentes, de nítidos acentos sadomasoquistas - o censor no exercício legítimo de seu sadismo plutocrata ou eu mesmo, em desalinho, vítima momentânea de volúpias

masoquistas? Vou pegar uma praia, descolar um bagulho, desnecessário identificar ao leitor essa fala arrastada, puxando os erres, marca registrada da tribo. O dilema inexistente: pela lei das patentes, a formulação autoral é só minha, o narrador pretende dirimir *a priori* quaisquer dúvidas. Entediados, cavalo e gato se entretêm com o *puzzle*, emitem pareceres díspares. Um deles opina que o problema é de etiqueta e se alastra devido às gafes clássicas da chancelaria; o outro entrevê na questão uma complexidade escolástica, já dissecada, aliás, pelo *escólio* que examina a relação custo-benefício – de que maneira passar um camelo pelo buraco da agulha? Tonto, atônito, quase desisto. Invoco a tempo o expedito Jaime, senão o Pai, o Tio da Mentira: com exceção da verdade, pontifica, tudo tem saída. Suprimirei o indigesto parágrafo acima, portanto, na encarnação seguinte. Vamos adiante, o passado urge, ávido de novidades. Houve um tempo em que eu trocava, tranquilamente, a felicidade pela poesia. Daí a cisão perene com o duplo – você desperdiçou nossos melhores anos com essa frescura! Agora é tarde, contemporizo, com um risinho mordaz, vingativo. Ele é desses que encaram envelhecer como uma afronta pessoal, golpe covarde do destino - justo comigo? Por outro lado, seu otimismo inato, aliado à aversão mais inata ainda ao raciocínio, o leva a considerar a idade um epifenômeno, fugaz, efêmero, sem futuro – dia desses amanheço novinho em folha, aos vinte. Tudo não passou de um sonho ruim, como eu previa. Minha atitude é frontal, categórica, positiva: envelhecer é acumular, em vão, sabedoria inútil. O provérbio me parece digno de Confúcio; de ressaca, numa manhã aziaga, ressalva o concílio. A que vem esse inopinado concílio, que se outorga poderes monarcais risíveis, interpela o gato em sua peculiar forma afirmativa. Desagradam ao cavalo, livre-pensador arquetípico, complôs palacianos e tramas subterrâneas que complicam o percurso e esburacam a pista. Contrairá o censor partes nisso, implica. Até onde eu perscrute, trata-se de entidade mágico-estatal, uma dessas Ongs de longínquas inflexões kafkianas, de acordo com os emissários shakespearianos do Ministério Público. O que a vincula, na letra e no espírito, ao Vaticano, ao tráfico e à indústria emergente da infraliteratura, em vídeo e outras

mídias. O seu logotipo, originalíssimo, é o pôster do Che fumando charuto. Divinha, sim, militarista garbosa nesse concílio não fora o passado depravado e o presente demasiado casto, o que confunde as sinapses e desregula o metabolismo. O concílio é órgão público! Seja lá o que a metáfora despudorada signifique! Metáfora coisa alguma, paralogismo, o gato retifica. Hilária ou depressiva, dependendo da perspectiva, a verdade providencial ou vexatória há de ser dita – não sou o protagonista de minha própria autobiografia. Mal consigo vislumbrar-me, vulto ao fundo, andando e gesticulando em círculos.